

Educação mediática ressalta o potencial de expressão dialógica das tecnologias¹

Media education emphasizes the potential of dialogical expression of technologies

Entrevista com GUILLERMO OROZCO GÓMEZ*
Por Adilson Citelli** e Roseli Figaro***

GUILLERMO OROZCO GÓMEZ, doutor pela Harvard University, educador e comunicador, com frequente presença e colaboração com pesquisadores e programas de pós-graduação brasileiros como os da ECA-USP, concedeu entrevista exclusiva a **MATRIZES**, na qual expõe sua experiência com comunicação e educação. O professor é contundente em sua posição sobre o direito à expressão de amplos setores da sociedade, sobretudo dos jovens, que na escola ainda padecem com a falta de uma pedagogia atenta às transformações culturais e às novas maneiras de aprender. Ressalta o papel do comunicador e dos meios de comunicação como educadores não-formais, cujas estratégias devem ser problematizadas no âmbito da educação formal, contribuindo para uma formação mais crítica e protagonista.

MATRIZES: Conte-nos acerca de sua trajetória como intelectual e pesquisador.

Orozco Gómez: Graduei-me em Ciências da Comunicação, na ITESO, Universidad Católica Jesuítica de Guadalajara. Depois, fiz especialização em Pedagogia, na Alemanha, e mestrado e doutorado na Universidade de Harvard. Esta é a parte formal, que não diz muito como alguém transita nos programas acadêmicos. Iniciei encarando um desafio quando ainda estava fazendo a licenciatura. Tratava-se de saber o que poderíamos fazer com os meios de comunicação na periferia da cidade de Guadalajara, com as pessoas que chegavam do campo e iam se acomodando como podiam nessa

1. Entrevista realizada em outubro de 2009, por ocasião da visita de Guillermo Orozco Gómez ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo para ministrar curso.

* Professor catedrático de Ciências da Comunicação da Universidad de Guadalajara, México. Doutor em pedagogia pela Harvard University, especialista em Pedagogia da Comunicação pela Universitaet zu Köln, Alemanha. Professor do Departamento de Comunicação Social do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidad de Guadalajara. É membro do Conselho Científico Nacional. Sua área de atuação e pesquisa são os estudos de recepção televisiva e de comunicação e educação.

** Professor doutor Titular no Departamento de Comunicações e Artes – ECA/USP e do programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da mesma instituição.

*** Professora doutora na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da mesma instituição.

periferia. Havia uma ONG de educação popular que mantinha um projeto social de desenvolvimento para essas pessoas, para ajudá-las a uma melhor integração na cidade. A ONG procurava um comunicador para pensar o que fazer com os meios de comunicação naquela localidade. Acabei por ingressar no trabalho. Creio que isso marcou muito o meu percurso, pois com tal preocupação em responder aos desafios sociais desta zona da cidade e desta organização de educação popular, comecei a ler Paulo Freire, o que mudou a minha perspectiva a respeito da educação e da comunicação. Paulo Freire vem sendo fonte de inspiração de tudo o que tenho feito, e sempre me lembro dele, o retorno, de alguma maneira, nos meus cursos. Isto porque creio que ele descobriu algo muito importante para nós, latino-americanos, que fomos produto da colonização e ainda temos vestígios dela. Tal processo impede que nos desenvolvamos de maneira mais livre e emancipadora, dificultando a busca de outros referenciais cognitivos e acadêmicos. E, sobretudo, que redefinamos nossas relações diante da vida e dos outros. Por este ângulo, a obra de Paulo Freire teve sobre mim efeito impactante. Quando iniciei meu trabalho naquela periferia, me dei conta de como era importante recuperar para eles, e por eles, a história do caminho que haviam percorrido do campo para a cidade. Por que tiveram que deixar a área rural, por que vieram para a cidade grande de Guadalajara. Esta recuperação, nós a fizemos em quadri-nhos, desenhos animados, pois facilitava que todos pudessem discutir e levar a este movimento, necessário para a sobrevivência, porque estávamos pensando as razões, a situação política, profissional, social, a mudança cultural de um lugar a outro etc. E também me pareceu que deveriam haver espaços lúdicos de expressão popular, mas massiva, abrindo a possibilidade de ter todos os domingos à tarde, no átrio, no espaço da igreja, pessoas que soubessem tocar um instrumento, cantar, dizer um poema, mostrar um trabalho, um quadro, uma foto, realizar um baile. Nós apresentávamos uma música, um companheiro que tocava muito bem violão e que estava sempre conosco animava os demais a virem ao palco. Assim, criamos um espaço muito procurado, muito querido pelos vizinhos, porque era o único que tinham para quebrar a rotina da semana. Conquanto, num primeiro momento, não tenha me dado conta inteiramente do que estava acontecendo, fui aos poucos compreendendo que nem tudo tem que ser sempre *sério*, podendo o conhecimento advir de forma mais relaxada, lúdica. Creio que estas experiências marcaram para sempre o meu desenvolvimento profissional e acadêmico. O trabalho nesta zona de Guadalajara e a leitura de Paulo Freire permitiram ampliar e melhorar a minha formação acadêmica, ativando novas ideias, conceitos. Foi ficando claro que para ser melhor pedagogo deveria ser melhor comunicador. E, no

intuito de aprofundar a minha formação pedagógica, fui estudar na escola de Educação de Harvard, onde estava o grupo que inventou *Vila Sésamo*. Daí, foi possível entender melhor como produzir programas educativos, como aproveitar a televisão educativamente.

Quando cheguei, vi que *Vila Sésamo* apresentava uma proposta muito interessante, mas não era uma solução geral para a América Latina, porque é uma produção muito cara, custa muito fazer o programa, independente do êxito que alcançou como realização com finalidades educativas. Parecia-me que o maior problema na América Latina era a *outra* televisão. *Vila Sésamo* é muito bonita, muito boa, mas a outra televisão, a TV da maioria das pessoas, o que poderíamos fazer com ela? Era necessário trabalhar com as audiências, com as pessoas, para enfrentar essa *outra* televisão. Foi aí que voltei os olhos para a Inglaterra, para os estudos culturais de Birmingham e para as reflexões acerca da *media education literacy*. Diria que no interior destes percursos teóricos, práticos e analíticos, pude avançar e firmar uma perspectiva, uma proposta de intervenção pedagógica na frente da televisão, não por trás da televisão. Agora, com o Obitel², estamos trabalhando um pouco com o de *trás* – como se formou, como se faz, quem está produzindo, como se fez o formato da narrativa etc. – e creio que esse é um pouco da dialética que nós comunicadores enfrentamos, pois temos que ver a parte da emissão e da recepção, e combiná-las. Alguns pesquisadores estão mais deste lado, outros do outro lado, e isso caracterizaria a minha trajetória – a dialética entre os distintos componentes da comunicação.

MATRIZES: Há uma crítica recorrente segundo a qual a vivência dos jovens com as novas tecnologias estaria contribuindo para aumentar o desinteresse deles por instituições tradicionais como a escola. Tal observação tem procedência?

Orozco Gómez: Sim, creio que esta constatação faz sentido, mas é muito complexa, não sei por onde começar. Há uma situação particular com as instituições formais como a escola, que continua mantendo-se apartada não somente dos meios de comunicação, mas também de outros processos culturais, políticos e econômicos. Cada vez mais a escola na América Latina se faz como algo independente dos processos reais de vários tipos, entre eles o comunicacional e o tecnológico. Independentemente do avanço da comunicação, a escola já vinha num processo de afastamento da vida real e tratando de cumprir uma missão independente da relevância que pudesse ter para o cotidiano dos estudantes. Então, creio que neste movimento, no qual a escola estava historicamente envolvida, chegam os meios de comunicação e as novas tecnologias. Frente a isso, a escola não levou a cabo uma posição elaborada, coerente, que não seja estereotipada ou com muito medo frente

2. Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva.

ao que significa o mundo mediático. Verifico que a escola se posicionou em relação aos meios de comunicação e o sistema comunicacional de forma a não facilitar vínculos e diálogos. Por exemplo, para a escola, os meios de comunicação são meramente entretenimento, informação, mas não é educação. Ou, quando os meios produzem um efeito educativo, eles são criticados e vistos como algo negativo, por isso deixam de interessar à escola. Desta maneira, a escola não desenvolveu, nem os acadêmicos o fizeram, um posicionamento educativo que permita promover algum tipo de aliança crítica com os meios de comunicação e que não seja unicamente instrumental, traduzido na posse de aparelhos como o DVD ou mesmo o computador. É preciso considerar, inclusive, que existe um equívoco nesta ideia segundo a qual ter mais aparelhos é sinônimo de modernização, de melhoria na qualidade do trabalho educativo. Ser moderno passa a indicar a posse de suportes modernos: computadores, televisões, DVDs etc. Salvo algumas exceções esta é a perspectiva dominante na escola. Na América Latina, muitos acham que ter alguns aparelhos dentro da instituição é suficiente para alcançar um nível superior daquele existente quando os equipamentos não se faziam presentes. Essa é uma visão equivocada, mas ainda dominante. Tal desvio tem provocado, entre vários outros problemas, uma dificuldade para a escola entender o lugar das outras linguagens – aquelas que, a despeito de não serem diretamente ligadas ao discurso didático-pedagógico povoam o universo dos jovens, sob forma de jogos, imagens, músicas etc. Enfim, as rotinas escolares não têm sido capazes de absorver tais jogos de linguagens, seja para melhorá-las, orientá-las ou problematizá-las e estão perdendo a oportunidade de influir educativamente na aprendizagem dos estudantes. Então há o desencanto e a frustração dos jovens com a escola, espaço tão presente em suas vidas. Ocorre que em lugar de as salas de aula permitirem que seja desfrutado aquilo que elas poderiam potencialmente oferecer, incorporando as múltiplas abrangências da comunicação e suas linguagens, resta o sentimento de incompletude, de experiência que ficou a meio caminho. Olhando o problema por este ângulo, a educação formal não tem cumprido o seu papel, motivo pelo qual os alunos ficam soltos, sem entenderem as ligações entre os seus projetos, interesses e propostas advindas das salas de aula.

MATRIZES: Você afirmou, no curso que ministrou junto ao Programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação, da ECA/USP, que os jovens, ao frequentarem as novas tecnologias fora da sala de aula, não estariam apenas ativando dimensões lúdicas, mas se preparando para enfrentar desafios do próprio mercado de trabalho. Esclareça um pouco mais este ponto.

Orozco Gómez: Como acadêmicos, precisamos tratar de maneira menos rígida o que está acontecendo com os jovens. A tentação dos acadêmicos é entender e criticar segundo os padrões que regularam as suas próprias formações educativas. Começo a verificar, porém, que os jovens estão aprendendo, sobretudo nessas questões ligadas às novas tecnologias e aos meios de comunicação, de maneira autodidata, fora da escola. É fato que tal aprendizado, muitas vezes, se dá de maneira instrumental no modo de manejar essas tecnologias, de usar o potencial do celular, do Ipod, do chat, do Facebook. Parece-me que se está dando aos jovens uma série de competências tecnológicas para interagir com a informação, com o conhecimento e com os outros. Eles não veem assim, nessa dimensão, não necessariamente são conscientes disso, de que estão constituindo competências, alfabetizando-se em distintas combinações de linguagens. Então, quando conseguem um trabalho, já têm uma série de destrezas, de práticas, de experiência em mover-se no mundo da tecnologia, requisito cada vez mais exigido pelo mercado. Ao chegar à Universidade os alunos já tiveram uma aprendizagem prévia no trato com suportes comunicacionais, com linguagens mediáticas, em muitos casos suficientes para enfrentar necessidades e vários desafios profissionais, realizando tarefas que os próprios professores não executam. Se, por exemplo, eu tiver que manejar uma série de coisas no computador, é possível que perdesse o posto de trabalho disputado por alguém mais jovem. Ele não exibirá toda a minha formação acadêmica, mas desempenhará de modo até mais satisfatório solicitações instrumentais requisitadas no mundo do trabalho. Fico, pois, em desvantagem por não possuir determinadas destrezas. Essa é uma situação real que existe e que nem os jovens se dão conta totalmente do valor que têm para o mercado; e nem a escola percebe que o grupo de amigos e as comunidades que interagem nas redes digitais concentram função educativa. Reconhecida tal dimensão, a escola poderia potencializá-la, melhorando os seus próprios vínculos com os alunos, com as demandas deles. E aí me parece que se deve promover um esforço para verificar o que os alunos estão aprendendo realmente. A hipótese é de que os jovens estão aprendendo e desenvolvendo destrezas, competências analíticas, psicomotoras, instrumentais, técnicas, de elaboração de pensamento. Eles estão exercendo a expressão, a intercomunicação – ainda que seja uma comunicação muito rápida –, mas estão em constante troca: precisam tirar foto, fazer vídeo, gravar programas, enviar emails. E a escola tende a não considerar tais coisas como fazendo parte de um processo educativo, da abertura para as diferentes alfabetizações gestadas pelas distintas linguagens, quase sempre considerando o exercício de tal diversidade uma perda de tempo.

MATRIZES: Poderíamos aplicar a tais considerações o termo que o senhor usou no seu curso: educação para a interatividade?

Orozco Gómez: Sim, creio que há um vazio educativo para ser completado com algum tipo de proposta de educação para a interatividade. Quando eu mencionava isso, não disse de maneira mais detalhada que os jovens vivem uma situação de interatividade permanente, simultânea, convergente, que ninguém havia experimentado até há pouco tempo. Nesta interatividade existe uma nova maneira de estar na vida cotidiana. Alguns criticam que a conectividade não significa comunicação, pois não há reflexão, porque é muito estímulo-resposta; que predomina um aspecto banal de intercâmbio; que não existe troca profunda; que se permite ocultar a identidade e fazer coisas que não são eticamente corretas; que se pode abusar do pequeno poder de emitir e difundir informação. Sim, tudo isso é pertinente, mas o ponto está em que há uma nova forma de estar no mundo. A interatividade ajuda a ativar os vínculos com o que nos circunda. Isso é um fenômeno novo, uma alteração fundamental, porque é uma mudança sobre algo que é essencial para a vida de todos. Como ficamos em relação a todos os demais? Antes estávamos muito menos conectados, permanecíamos na posição em que alguns poucos difundiam tudo e os outros simplesmente recebiam ou recusavam, mas não podíamos representar papel ativo nesse processo. Uma vez alguém me questionou: “você é comunicólogo, por isso acha que a comunicação se tornou a chave do momento, do presente”. Talvez sim, mas independente de ser comunicólogo, mais do que nunca o comunicativo é o que está sendo o eixo da modificação da nossa maneira de *estar* na sociedade. A grande pergunta que caberia neste contexto é: o *estar* leva-nos à mudança de *ser*? Em espanhol, ao contrário do inglês, temos a possibilidade de diferenciar *estar* e *ser*. Acho muita sorte termos essa nuance verbal porque ela nos permite ver que *estamos* de uma maneira, mas significa que *somos* dessa maneira? A mudança do *estar* provoca uma mudança positiva no *ser*? Ser humano, ser jovem, trabalhador, professor? Não. Esse é o grande terreno sobre o qual temos de discutir na comunicação. Como se dá esse passo do *estar* ao *ser*.

MATRIZES: Juntando a isso, uma questão mais geral. Em um dos seus livros,³ o senhor fala do dilema promovido pela “asunción mediática”. Daí derivariam mecanismos assimétricos de poder e de fragilização social. As novas tecnologias da comunicação e informação têm capacidade para redefinir esse crescimento dos media?

Orozco Gómez: Creio que sim, não de maneira natural, necessária ou totalmente. É preciso verificar que a escola tradicional não se exercitou, não praticou o papel de emissor e de comunicador. Isso fez com que nos sentíssemos

e nos posicionássemos no papel de *caixas* para abrigar informações e, eventualmente, alguns conhecimentos. A família também nos fez um depósito dos valores e da cosmovisão por ela constituída. Daí continuarmos reproduzindo perspectivas a fim de que possamos ser reconhecidos como partes dos grupos, das comunidades etc. O potencial que vejo nas novas tecnologias, sobretudo aquela que nos situa como emissores, comunicadores, difusores de nossa própria expressão e da expressão de outros também reside neste elemento de interações possíveis. O ponto a ser destacado é que o alcance de nossa emissão e produção comunicativa não tem a mesma dimensão e alcance de um canal de televisão ou estação de rádio ou de um jornal muito divulgado. A abrangência é mais ao nível interpessoal e de redes. Chega a uma página, a um site e a um blog, uma discussão se abre, mas é mais circunscrito do que algo massivo, ainda que o massivo também esteja se reduzindo, perdendo *rating*. As telenovelas do México estão recuando em seu *rating* porque há essa divisão de interesses e de telas de onde se vê os produtos originalmente feitos para a televisão ou que com ela concorrem. O núcleo da transformação está dado por esse poder de sermos comunicadores. Até onde nos levará este processo e quais as suas implicações, teremos que acompanhar. Em decorrência do impacto que haverá com a formação de novas redes e de novos espaços virtuais de onde podemos gerar conhecimentos diferentes e coisas distintas, inclusive jogos, surgirá a possibilidade de efetivar as mudanças acima colocadas. Eu não sei quais são os significados que decorrerão dessas possibilidades, mas certamente serão muito grandes. Neste momento, não é comparável com o impacto que ainda têm os meios de comunicação tradicionais e os comunicadores de emissoras tradicionais. E nem todos estão aptos, ainda, a serem emissores, conquanto colocados em contato com as tecnologias, pois existe a necessidade de um processo mínimo de treinamento para aproveitar o potencial de expressão que a tecnologia nos abre com vistas a desencadear os circuitos dialógicos. Falamos de 30%, 35% dos jovens que nos países da América Latina têm acesso permanente e sistemático a computadores e telefones celulares. E com os outros, o que ocorre? Aqueles que não estão nessa dinâmica, não têm acesso a essas novas tecnologias ou, quando frequentando tais circuitos, não chegam a assumir o seu papel de comunicadores. Neste caso, a escola teria que ajudá-los, alguém teria que fazê-lo, com a finalidade de promover maior acompanhamento dos jovens, estimulando-os a exercitar a sua expressividade, não somente participando como receptores. Espero que em algum momento a escola tome a iniciativa. Infelizmente temos visto o contrário. Haveria que se produzir outro tipo de projeto educativo, de inserção social por meio do bairro, de outras instituições, dos meios públicos que estão empenhados em evidenciar as questões culturais.

3. *Televisión, audiencias y educación*. Bogotá: Norma, 2005

O canal 22 do México, que é cultural, ia ser mudado, abandonando tal característica. Nós, acadêmicos, fizemos um grande abaixo-assinado para que o canal continuasse cultural, então o Presidente da República concordou. Mas o que fizeram com a programação do canal? Levam ao ar cinema, mas só filme europeu e de diretor que ninguém entende. Latino-americano nunca passou pela tela do canal cultural. Mostram concertos e museus europeus, entrevista com gente importante, e a cultura cotidiana mexicana é ignorada. Novela? Nunca passou. Apresentaram séries da BBC, mas a mais *visível* dessas era uma sobre os amores de Napoleão. As outras eram tão de elite! E o canal 22 estava muito orgulhoso de ser um canal que transmitia a grande cultura e não a telenovela da Televisa. E a Unesco deu ao 22, em determinado ano, creio que em 1996, o prêmio de melhor canal cultural. Teve um prêmio internacional como melhor canal cultural! É um pouco absurdo.

Creio que podemos aproveitar os canais culturais, públicos, rádios e muito mais para fazer uma nova interpelação aos receptores, convidá-los e convocá-los a continuarem produzindo, que não fiquem contemplativos diante da grande pintura, da capela Sistina. Há que fazer de outra maneira. O desafio aqui é muito grande, porque não existe instituição que faça isso, deve-se realizar de outras formas, com fontes distintas, porque é importante acompanhar esse novo status de emissor e comunicador que estão tendo os jovens.

MATRIZES: Pelo que você disse, temos dois tipos de institucionalizações: a escolar, como espaço fechado para um conjunto de demandas sociais, e as mediáticas, com os grandes meios de comunicação públicos e privados, as novas realidades da comunicação digital. Entre ambas existem desconexões, falta de sintonia dialógica. Como a escola pode ou deve se situar no interior desta tensão, sobretudo tendo em vista o tipo de formação de educadores, ainda demais presa a padrões tradicionais, enciclopédicos, propedêuticos?

Orozco Gómez: Trata-se de um grande desafio, porque os professores atuais não têm a preparação instrumental, tampouco são convidados a pensar segundo elementos dados pela cultura digital, pela mediatização generalizada. Existe, ainda, muita resistência, muito medo, de que as novas tecnologias irão tirá-los da escola, fazê-los desnecessários. O que precisamos fazer é começar a intervenção pedagógica que me parece importante. É iniciar do nível global da sociedade, porque ela crê, como, aliás, o faz a escola, salvo setores específicos, que procedimentos “extra-escolares” são perda de tempo. Deve-se mudar a mentalidade da sociedade que atribui os temas educativos apenas à escola. Há que se mostrar, de forma clara, que o aprendizado fora da escola é algo valioso. Com a televisão também se aprende sem que ninguém o proponha de

forma explícita, ou seja, há um ecossistema comunicativo presente na vida dos jovens. Esclarecer este ponto é muito importante, conquanto apresente as dificuldades naturais para ser apreendido. As mudanças de cultura levam tempo, mas se não as buscamos não sairemos do lugar. Ao mesmo tempo, devem-se rever os programas de formação dos docentes a fim de que possam entender e manejar as novas tecnologias, mas que o façam de modo criativo, pois não se trata, apenas, de domínio instrumental ou compreensão instrumentalizada das novas realidades impostas pela comunicação ao mundo da educação. O problema é que há uma epistemologia distinta para produzir conhecimento. E os professores devem reconhecer tal evidência, mudando hábitos e rotinas, tratando de outra maneira as culturas mediáticas, perdendo o medo de manejar os equipamentos disponíveis ao fazer educativo. E isto não é fácil no interior dos atuais quadros de formação para o magistério. Custa-nos, mesmo a nós acadêmicos, fazer um *power point*, entender a presença das redes sociais no universo dos nossos alunos. Como se percebe, falamos de uma mudança cultural, mental, extremamente complicada. Há, contudo, que se iniciar o processo de mudanças nas dinâmicas didáticas e pedagógicas. Uma aluna minha de doutorado em educação na Universidade de Guadalajara está fazendo uma pesquisa participativa com grupos de jovens para ver o que fazem com as novas tecnologias. Vai segui-los um tempo, tratar de saber como estão avançando de maneira empírica, autodidata com as novas tecnologias. Com isso, ela vai organizar uma proposta para uma escola, para introduzir na aprendizagem.

Existe um livro – *Nueva alfabetización* – de dois canadenses, que ainda não está traduzido para o espanhol, no qual afirmam que a maneira de promover a interatividade é verificar o que o jovem começa a fazer com isso, ao invés de eu simplesmente dizer o que deve ser feito. Depois de saber como ele usa, coloco um desafio, uma pergunta. Como Paulo Freire propunha, chega-se a uma situação-limite, daí executa-se um passo buscando outro patamar, outra situação-limite, ato contínuo dispara-se o processo de problematização. Tal procedimento pedagógico trabalha na perspectiva de que os jovens, no início, tendem a repetir padrões de coisas que já conhecem. A criatividade não é, pois, instantânea, ocorrendo muita repetição, o que requer *choques* problematizadores, que venham de fora. Eis um importante plano contributivo dos educadores: problematizar para fazer os jovens avançarem mais em seu processo formativo.

MATRIZES: Assistimos, no momento, a um embate, sobretudo a partir da Argentina, no que diz respeito a uma nova relação de posse dos veículos de comunicação. O caso portenho está, aliás, acompanhado de outros semelhantes na América Latina. Como você pensa o problema da posse dos meios, o

descentramento dessa posse, o cruzamento de empresas, que afinal de contas dominam grandes segmentos da comunicação, detendo estações de rádio, canais de televisão, jornais, revistas? Inclusive o caso mexicano é bastante revelador deste quadro.

Orozco Gómez: O que está acontecendo na Argentina, a reforma constitucional acerca da posse dos meios, em que o estado quer manter controle sobre as empresas e tratar de distribuir um pouco o poder que elas têm e não fique o grupo Clarín com tudo, me parece uma coisa muito importante e necessária. No México, já perdemos a batalha. No México, não creio que haja recomposição que seja um pouco mais democrática. A Televisa tem todo o poder. Isso não é gratuito e ocorreu segundo um processo histórico bem específico. Houve uma negociação com o poder da vez. Primeiro com o PRI⁴, que agora volta, e que permaneceu por 71 anos no poder. E não teria sido assim sem a ajuda da Televisa. A Televisa e o PRI construíram tal hegemonia, não por 71 anos, porque a Televisa é de 1952, estando, pois, com 57 anos.

Cabia à Televisa levar ao público as atividades do governo, e para isso recebia uma série de benefícios, assim, nunca o criticou. Como disse Jesús Martín-Barbero, a ideia de país nunca passou pelas telenovelas da Televisa. As novelas são dramas, nunca o país esteve lá com seus problemas, ao contrário das novelas da Globo. Isso não é só estética, não é estilo, não é gratuito, é resultado da aliança histórica entre poder político e poder mediático. O poder mediático não coloca em público o que o poder político não quer. Então o caso do México está perdido, visto que restava, apenas, um tempo de 11% para o Estado, margem que deveria ser obedecida pelos diferentes meios privados. E o Estado se apropriava muito mal deste tempo de que dispunha. O presidente Fox, como consequência de uma provocação da Televisa, colocou tudo a perder. Ocorreu que haveria no México uma junta de presidentes ibero-americanos e Fox convidou Fidel Castro. Como o Bush participaria, avisou que não desejava encontrar Fidel, que era para ele ser desconvidado. Fox ligou para o Fidel e disse que o convidava apenas para a sessão inaugural e que depois deveria ir embora. O assunto entrou em debate na opinião pública. O presidente mexicano assegurou que havia convidado Fidel, mas o cubano declinara. Fox comunicou isso a todos os mexicanos. Mas, em seguida, Castro, com justa indignação, enviou a gravação telefônica que havia recebido de Fox para a Televisa. A emissora imediatamente tornou pública a fala do nosso presidente dizendo ao cubano “sim, venha, tome o café da manhã e depois vá embora, porque o Bush está chegando”. Então Fox caiu no ridículo frente aos mexicanos, passou por um rematado mentiroso, porque havia dito e jurou que não disse. A partir daí, os 11% do tempo estatal foram perdidos e deram

mais concessões de canais para a Televisa, entregando tudo o que sobrava. Em troca, a Televisa não deveria voltar a fazer o que havia feito. Trocou o tempo por uma “cobertura positiva, favorável à minha pessoa e ao meu governo”, conforme as suas próprias palavras. Não vejo saída para o México, espero que a Argentina, o Brasil e os demais países tenham alternativas. O problema reside no fato de que os meios tenham o poder de fazer o que fez a Televisa. Quando Chávez corta um canal de televisão na Venezuela, quando isso acontece na Bolívia e agora também no Equador, o presidente está colocando limites, mas imediatamente, o escândalo é que se acabou a liberdade de expressão. Para mim não é isso, porque há demasiado poder de expressão para uns e para outros não. O povo, o governo, as instituições não têm poder de expressão, só o poder mediático o tem. Isso é enganação para a audiência geral, não? Que não se dá conta da existência de momentos em que, por razões de Estado – suponhamos que se possa usar este termo – e assumindo que isso é bom para a maioria da população, deve-se cortar a concessão e dizer à cadeia: “não pode continuar a operar dessa maneira, não pode comprar isso aqui, temos que distribuir de maneira mais equitativa”. Eu seria favorável a esse tipo de procedimento, que seja respeitoso aos direitos individuais e aos direitos da empresa e do mercado. Que as redes transcendam a visão mercantilista e garantam, de fato, a liberdade de expressão. É muito difícil enfrentar a Televisa, nem mesmo o presidente do México pode fazê-lo. Creio que temos um sistema de meios totalmente desfavorável à educação e à tomada de consciência crítica. Mas existe outro cenário de intervenção educativa que é reconverter isso em algo menos dirigido. Haveria que se incorporar os informativos de um dia e analisar na sala de aula com uma perspectiva problematizadora; usar a telenovela para ver o tipo de valores, de comportamentos; qual agenda se apresenta na telenovela. Ou seja, se abre um universo dado pelo noticiário, mas também pela ficção, e que contribuiria enormemente para a melhoria das dinâmicas escolares e de formação geral dos alunos. Há muito material “didático” espalhado pelos meios de comunicação, apresentados, inclusive, pela televisão comercial.

MATRIZes: Em uma revista de comunicação que você conhece, a Famecos⁵, foi publicado o artigo de um colega com críticas às chamadas teorias mediáticas, conforme praticadas na América Latina e bastante difundidas por nomes como Canclini, Martín-Barbero e Guillermo Orozco. A certa altura diz o referido artigo: “ou a telenovela me capturou ou a representação teatral me envolveu e me emocionou, ou o filme me faz pensar ou não. Eu não recupero mais tarde aquilo que a comunicação não me passou”. Comente a assertiva, dado que ela

4. Partido Revolucionario Institucional

5. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS.

se opõe frontalmente à ideia pelo senhor defendida segundo a qual as apropriações televisivas, ou outras apropriações mediáticas, nunca são finais, sofrendo interveniência de instâncias mediadoras.

Orozco Gómez: Certamente nenhuma apropriação é definitiva, ainda que algumas assim o pareçam, porque não houve oportunidade de serem confrontadas de outra maneira ou usadas de outro modo. Caso pensemos que não podemos mudar algo, então não temos a possibilidade de iniciar nenhuma estratégia para fazê-lo. A afirmação de que nenhuma apropriação é definitiva deriva de um recurso epistemológico que me permite propor coisas e tratar de modificá-las, porque de outra maneira estaria realizando outro trabalho. Epistemologicamente considero importante pensar assim porque isso permite deixar o determinismo que acompanha certas ações sociais. Por exemplo, os docentes dizem que a televisão é assunto da família, não da escola. É uma visão muito primária. As crianças levam a televisão na mente, aqui há uma apropriação, e a levam para onde vão: escola, rua, parque, outros lugares e voltam outras vezes a interagir com isso e com os outros sobre a sua apropriação primeira. Então, claro está que em qualquer outro cenário da vida real a televisão pode intervir, porque a televisão viaja com os sujeitos, as apropriações viajam com os sujeitos. Se for esta a visão generalizada, creio que não haveria razão ou desculpa na escola para não trabalhar e pensar, problematizar a televisão na aula ou jogar com a televisão, mas levá-la a sério. Como não há essa visão, crê-se que é um assunto da família, e a família também não tem tempo de assumir essa responsabilidade; ao contrário, a televisão parece ser a salvação da família, porque ela é ligada para as crianças e os pais vão trabalhar e ficam mais tranquilos por saberem que os filhos estão na frente da televisão, fechados em casa. Ou seja, é importante como pensamos o nosso objeto de análise e de intervenção. Disso dependerá o tipo de estratégia que empregaremos para tratar das inúmeras questões propostas pelos meios de comunicação. E no caso concreto da afirmação do artigo, creio que nenhuma apropriação é definitiva, sempre é possível mudá-la. O que faz pensar que algumas sejam definitivas é porque não estamos em um cenário onde haja oportunidade de confrontar essas afirmações. E então aí ficam, porque ninguém procura mudar. Se há uma situação em que se desafia isso, claro que se pode mudar.

MATRIZES: O que parece estar em jogo é qual o momento em que ocorre, de fato, a comunicação. De um lado está a ideia segundo a qual ela se dá (ou não) no instante do acontecimento, em sequências fenomênicas. De outro, o entendimento segundo o qual a comunicação, para se fazer, requisita o acionamento de instâncias mediadoras.

Orozco Gómez: Creio que a comunicação ocorre em todos os momentos. Ou seja, ocorre um tipo de comunicação no momento direto de contato com o referente, mas isso não necessariamente termina aí; há outros processos proporcionados pelas mediações, em que, também, irrompe a comunicação. Aquilo que se disse: “vejo o filme e tenho um impacto”, concordo, ocorreu uma comunicação indireta; o erro é pensar que é direta. A apreensão comunicativa passa pelo plano cognitivo, racional, mas, também, pelo afetivo, emocional. Isto tem a ver com a história do sujeito, os seus diálogos com a cultura, com a sociedade etc. Irrompe comunicação em cada momento de apropriação, seja próximo, imediato, distante, mediato. Essa é minha posição. Há um tipo de comunicação que, às vezes, reforça a primeira apropriação, outras vezes problematiza, modifica, podendo a ela resistir ou mesmo rechaçar. A comunicação ocorre em todo o momento. ■

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

Em espanhol

- La comunicación desde las prácticas sociales. Reflexiones en torno a su investigación. México: Universidad Iberoamericana, 1990.
- El mensaje de la televisión mexicana de los noventas. Un análisis axiológico de La programación de los canales 2, 5, 9, 11 y 13.* México: Universidad Iberoamericana, 1993.
- Al rescate de los medios: Desafío democrático para los comunicadores. México: Universidad Iberoamericana, 1994.
- Televisión y producción de significados: tres ensayos. Guadalajara: DECS, Universidad de Guadalajara, 1994.
- La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1996.
- Miradas Latinoamericanas a la Televisión. México: Universidad Iberoamericana, 1996.
- Televisión y audiencias – Enfoque cualitativo. Madrid: De La Torre, 1997.
- El maestro frente a la influencia educativa de la TV. México: Fundación SNTE, 1998.
- Historias de la televisión en América Latina.* Barcelona: Gedisa, 2002.
- Recepción y mediaciones – Casos de investigación en América Latina. Buenos Aires: Norma, 2002.
- Televisión, audiencias y educación. Buenos Aires: Norma, 2001.
- Lo viejo y lo nuevo – Investigar La comunicación en el siglo XXI. Madrid: De La Torre, 2000.
- La ficción televisiva en Iberoamérica – narrativas, formatos y publicidad. Guadalajara: Ediciones de La Noche, 2009 (org. com Maria Immacolata Vassallo de Lopes).

E

Educação mediática ressalta o potencial
de expressão dialógica das tecnologias

Em português

A ficção televisiva em países ibero-americanos: narrativas, formatos e publicidade. São Paulo: Globo, 2009 (org. com Maria Immacolata Vassallo de Lopes).

Podemos ser mais criativos ao adotar a inovação tecnológica em educação? Uma proposta em comunicação. In: MATRIZes, São Paulo. Vol.1 n.1, 209-216